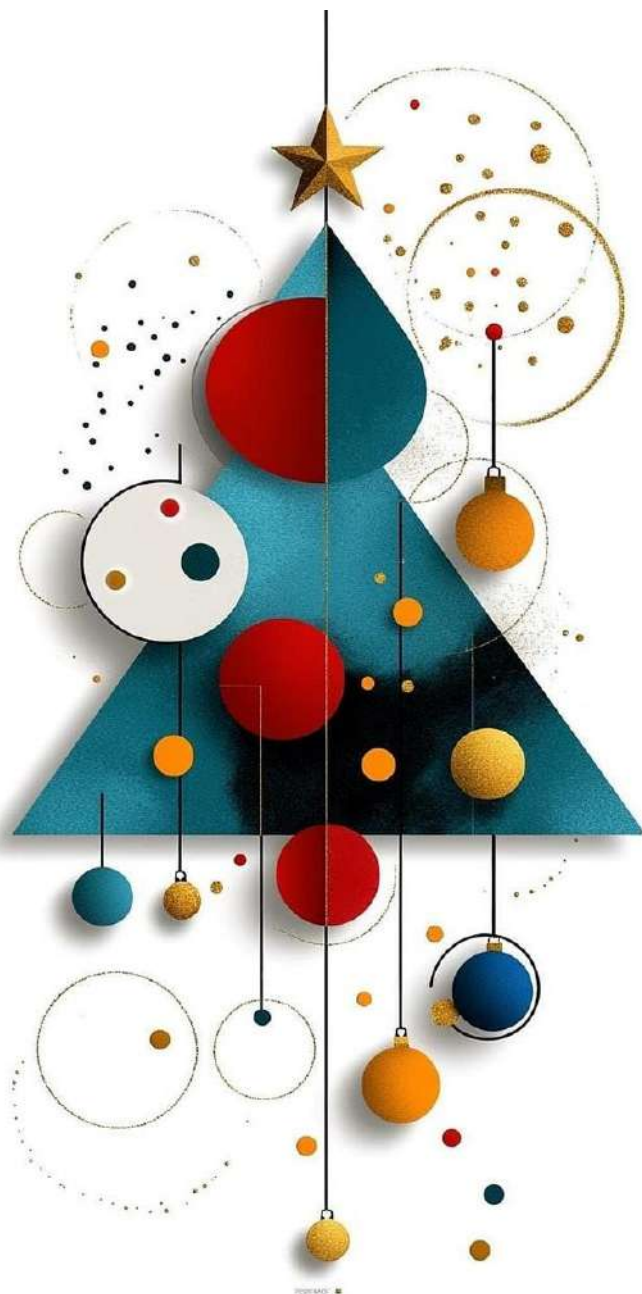




Reinventar o Natal

O que vemos na imagem é mais do que uma árvore de Natal estilizada. É um exemplo de como a tradição pode reinventar-se sem perder a sua essência. Nesta árvore não há ramos carregados, nem um excesso de luzes a competir com a noite. Apenas formas reduzidas ao essencial. O triângulo azul, simples e geométrico, substitui o contorno natural da árvore, como um sinal de alguém que tivesse querido representar a realidade na sua forma mais simples.

Esferas de várias cores parecem flutuar, lembrando que o tempo nem sempre se organiza em linha reta, mas em repetições, retornos, ecos. Há nelas um movimento delicado, quase silencioso, como se cada círculo fosse um momento guardado, uma recordação que regressa reduzida ao essencial.

Se a geometria evoca a ordem, as cores introduzem uma alegria suave. Estas parecem dialogar entre si, e criar uma harmonia vibrante que contrasta com a contenção das formas.

O dourado, em fios e pontos dispersos, traz consigo uma luz discreta, o rasto breve de uma estrela, cujo brilho não precisa de ofuscar para ser guia. É uma luz que não se impõe mas acompanha, lembrando-nos que o Natal, mais do que festa, é caminho em direção à essência.

Há também, nesta imagem, uma infância escondida. Não a infância que a memória reinventa, mas aquela outra, feita de linhas incertas e de círculos, quando ainda acreditávamos que uma figura simples podia conter todo o mistério. Essa infância que não era recordação, mas espanto diante de tudo o que surgia pela primeira vez.

Talvez esta árvore não queira apenas ser vista, mas nos peça para desaprendermos o brilho que se gasta depressa, o vazio das aparências, a rotina com que às vezes cobrimos o Natal. E ficarmos só com isto: um triângulo, uns círculos, um fio negro a sustê-los no ar.

Talvez o gesto mais radical seja este: deixar de procurar no Natal aquilo que sempre se esperou dele. Desaprender o guião da festa e escutar o silêncio do símbolo, que nos diz: basta estar, basta ser, basta parar por um instante.

Nesta geometria invulgar, há uma promessa diferente: a de que o essencial nem sempre está só no que acrescentamos, mas também no que, por vezes, deixamos esquecer.

Reinventar o Natal

1. O autor descreve uma árvore de Natal constituída por “formas reduzidas ao essencial”. Que mensagem transmite esta simplicidade?
2. Essa redução também nos convida a questionar o consumismo típico do Natal. De que forma?
3. O que evocam as esferas de várias cores?
4. Por que motivo fala o autor da luz discreta do dourado?
5. Como pode o conceito de “infância escondida” inspirar uma forma diferente de vivermos o Natal?
6. O que significa desaprender o guião da festa?
7. Quais são os valores, práticas ou sentimentos desta quadra que o autor convida a resgatar?
8. Que exemplos concretos de simplicidade poderíamos aplicar ao Natal moderno?
9. Conheces exemplos de “luzes discretas” na sociedade atual que apontem formas de reinventarmos esta quadra?
10. O que é, para ti, o essencial no Natal?